

Divulgação



Documentário de ficção se entrelaçam em 'A Queda do Céu', de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha

A floresta reza

Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha refletem sobre a cosmologia ianomâmi com 'A Queda do Céu', destaque latino na Quinzena de Cannes e premiado no Festival do Rio

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Processo de imersão na floresta, no coração do Amazonas, "A Queda do Céu" fincou raízes na Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes, em sua primeira projeção mundial, em maio, e lá plantou sementes que, regadas a elogios da crítica internacional, hoje oxigenam o solo fértil da 48ª Mostra de São Paulo. Feito em esquema de colaboração com o povo indígena ia-

nomâmi, o transcendente experimento de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha foi agraciado há 15 dias com o troféu Redentor de Melhor Direção de Documentários no Festival do Rio 2024. Sua narrativa de tons ritualísticos segue o líder e xamã Davi Kopenawa enquanto ele batalha para devolver o equilíbrio à sua comunidade, entre rezas e aforismos filosóficos. Esta noite, plateias paulistanas vão conferir o fluxo de imagens colhidas por Gabriela e Eryk às 21h20, no Espaço Augusta 1. Tem uma projeção a mais amanhã, às

15h45, na Cinemateca Brasileira.

A exploração madeireira ilegal, a mineração de ouro e a mistura mortal de epidemias que as intrusões do garimpo e de outras práticas de depredação contra a selva são tematizados na plenária que Kopenawa cria numa forma de reza. A contundência de suas reflexões ampliou a adesão da Croisette à produção. O mesmo aconteceu no Rio, onde o longa ganhou ainda o prêmio de Melhor Som.

"Documentário e ficção se entrelaçam aqui numa mesma chave, numa encruzilhada, pois a linguagem dos Ianomâmi

não faz as distinções que fazemos. Ela entrelaça os saberes", disse Gabriela, uma atriz premiada que se aventurou a filmar o livro "A Queda do Céu", escrito por Kopenawa e Bruce Albert, após ser dragada pela leitura dele. Essa conversou com o Correio em Cannes. "Existe performatividade no Davi e no seu povo, que tem um compromisso com a beleza. Por isso o filme tem circularidade".

Seu companheiro, Eryk, foi premiado em Cannes em 2016 com a laurea Olho de Ouro pelo doc "Cinema Novo", no qual passava em revista a obra da geração responsável por modernizar o audiovisual no país – e da qual fazia parte seu pai, Glauber Rocha (1939-1981). O cineasta filmou "A Queda do Céu" com Gabriela contando com uma equipe enxuta, somando seis pessoas. O time chegou à fronteira com Roraima antes da pandemia. Registraram entre outras coisas a cerimônia do Reahu, uma espécie de despedida para a morte do sogro de Kopenawa.

"Esse projeto materializa o meu encontro de vida com a Gabi, ou seja, o teatro e o cinema. Só que materializa também o encontro do cinema da gente com o cinema sem câmera dos povos ianomâmis, que se faz de cantos e de danças", diz Eryk. "O grande problema do mundo hoje é que seguimos uma lógica grega, de base aristotélica, segundo a qual o homem está acima de tudo. A cosmologia dos ianomâmi não comporta hierarquias, nem separa natureza de cultura".

O QUE VER NESTA SEGUNDA NA MOSTRA DE SP

POR RODRIGO FONSECA

Divulgação



JULIE PERMANECE EM SILÊNCIO ("Julie Zwijgt"), de Leonardo van Diji (Bélgica): O Festival de Cannes vibrou com esta trama sobre responsabilidade em tempo de cultura do cancelamento. Julie é a principal jogadora de uma academia de tênis profissional. Quando seu dedicado treinador se torna alvo de uma investigação e é repentinamente suspenso de suas atividades, todos os atletas do clube são incentivados a testemunhar sobre o caso, mas Julie decide ficar em silêncio. Onde: Espaço Augusta 4, 13h30

MALÊS, de Antonio Pitanga (Brasil): Quase 45 anos depois de seu primeiro exercício como realizador, um dos atores essenciais do Cinema Novo volta à direção filmando um enredo de Manuela Dias, que recria a Bahia em meados de 1830. Na ocasião, uma rebelião começou a ser arquitetada por africanos muçulmanos, chamados de malês. Após o fracasso da revolta, os manifestantes foram duramente punidos e a repressão contra as populações pretas no Brasil aumentou. Onde: Reserva Cultural 1, 21h40
Vantoen Pereira Jr/Divulgação



Divulgação



A HERANÇA, de João Cândido Zacharias (Brasil): Nervosa incursão brasileira nas veredas do terror queer. É uma mistura de "O Estranho no Lago" (2013) com "O Inocentes" (1961). Seu protagonista, Thomas retorna ao Brasil após a morte de sua mãe e descobre ser o único herdeiro de uma avó que nunca chegou a conhecer. Curioso para se reconectar com a história da família, eles visitam a casa e Thomas é recebido por duas tias idosas que o tratam como um filho há muito perdido. Onde: Cinemateca Sala Grande Otelo, 14h